

RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E AS TEORIAS PEDAGÓGICAS

Gisele da Silva Ferreira

Graduanda em Pedagogia,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Nagila Aparecida Matias da Silva

Graduanda em Pedagogia,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Deise Cristina de Araújo

Graduada em Pedagogia – UFMS;
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

RESUMO

O presente trabalho foi elaborado junto à disciplina Prática Pedagógica Educacional IV do curso de Pedagogia oferecido pelas Faculdades Integradas de Três Lagoas - AEMS, da cidade de Três Lagoas/MS, como elemento obrigatório para avaliação da aprendizagem e tem como finalidade elucidar as intenções de pesquisa para trabalho de conclusão de curso (TCC). A relação entre professor e aluno é fundamental para o desenvolvimento do aluno em sala de aula e aluno se desenvolve por meio da interação entre os sujeitos presentes no processo de ensino aprendizagem, essa interação “[...] que dá sentido ao processo educativo, uma vez que é no coletivo que os sujeitos elaboram conhecimentos”. Diante desse cenário, o objetivo do trabalho tem interesse de compreender as concepções pedagógicas presentes nas Teorias pedagógicas (hegemônicas e contra hegemônicas) em busca de encontrar quais delas permitem a relação professor e aluno apoiada na valorização do desenvolvimento afetivo, social e não apenas o cognitivo. A metodologia utilizada conta com a revisão bibliográfica em fontes como livros, artigos científicos, etc.

PALAVRAS-CHAVE: relação professor e aluno; teorias pedagógicas; valorização da aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

A relação professor e aluno é o tema deste artigo e tem como horizonte demonstrar como se constrói tal relação no contexto da sala de aula pelo viés das teorias pedagógicas (hegemônicas e contra hegemônicas).

A relação pedagógica entre professor e aluno se desenvolve por meio da interação entre os sujeitos presentes no processo de ensino aprendizagem, essa interação “[...] que dá sentido ao processo educativo, uma vez que é no coletivo que os sujeitos elaboram conhecimentos” (SILVA; NAVARO, 2012, p. 95).

Tal relação abrange vários aspectos determinantes para processo de ensino aprendizagem, nesse sentido o docente desenvolve suas ações construindo um bom relacionamento com os alunos, além disso, o professor ao refletir sua prática,

“fundamentando-se em uma base teórica e sólida” (ibid), consegue desenvolver com melhores condições o processo de ensino aprendizagem.

Do mesmo modo a partir das considerações de Vygostky,

A relação educador-educando não deve ser uma relação de imposição, mas sim, uma relação de cooperação, de respeito, e de crescimento. O aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no seu processo de construção e conhecimento. Assumindo o educador um papel fundamental nesse processo como um indivíduo mais experiente (VYGOTSKY, 1976 apud SILVA; RENK, 2015, p. 07).

Nesse sentido, se faz necessário à investigação do tema, pois é fundamental para formação compreender essa relação pedagógica, pois a mesma é intrínseca ao trabalho do pedagogo.

2 OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é mostrar que a relação entre o professor e o aluno deve ser de cooperação, respeito e crescimento mútuo.

3 MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia deste estudo constituiu-se de uma revisão bibliográfica, onde foi realizado pesquisas através de livros, artigos e monografias que abordassem o tema Relação professor e aluno.

4 RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO NAS TEORIAS PEDAGÓGICAS

Ao longo do processo de desenvolvimento da educação, as teorias pedagógicas foram se constituindo a fim de orientar o processo de ensino e aprendizagem e a relação professor e aluno é abordada dentro de cada uma delas.

No livro “Didática teórica e Didática Prática” (2008) a autora Martins destaca a relação professor e aluno dentro das diferentes teorias hegemônicas. Tais teorias são entendidas como “aquelas que procuram orientar a educação no sentido da conservação da sociedade em que se insere, mantendo a ordem existente” (SAVIANI, 2008, p. 12), sendo elas: a teoria da escola tradicional, a relação entre o professor e aluno é vertical e autoritária.

O professor transmite o conteúdo como verdade absoluta, tendo o aluno um papel passivo-receptivo. Entretanto, pressupõe-se a necessidade de uma grande atividade intelectual por parte do aluno para assimilar o que está sendo transmitido. O princípio básico dessa relação é que o professor detém o saber e o aluno não. A disciplina é entendida como sinônimo de silêncio e ordem na sala de aula, para facilitar a transmissão do saber (MARTINS, 2008, p. 35).

Já na perspectiva da Escola Nova, a relação é democrática.

O professor assume o papel de orientador das atividades do aluno e este tem um papel ativo, participativo no processo de ensino. O pressuposto básico dessa relação é que os alunos têm as necessidades e interesses próprios, são diferentes uns dos outros, cabendo ao professor o atendimento das diferenças individuais. Assim, o aluno disciplinado é aquele solidário, participante, ativo e conhecedor das regras do convívio em grupo (ibid).

Por fim, a teoria da Escola Tecnológica,

tanto o professor como os alunos desempenham o papel de executores de tarefas programadas por um grupo de especialistas. A relação é vertical e autoritária, com o agravante do professor não participar da concepção do seu trabalho. O pressuposto básico é a possibilidade de ensinar tudo a todos, desde que se dê tempo e instrumental suficientes para isso. O aluno disciplinado é aquele que faz todas as tarefas conforme os objetivos operacionais; este é o aluno produtivo, capaz de dar respostas adequadas aos programas previamente esquematizados (ibid).

As teorias citadas correspondem aos interesses dominantes e, por isso, tendem a hegemonizar o campo educativo e numa sociedade como a nossa, de base capitalista, as pedagogias hegemônicas correspondem aos interesses da burguesia, já que esta ocupa a posição de classe dominante (SAVIANI 2008) e como podemos observar em cada uma das teorias apresentadas a disciplina é fator central no processo educativo.

Contrapondo as teorias já apresentadas, as teorias pedagógicas contra hegemônicas buscam intencional e sistematicamente colocar a educação a serviço das forças que lutam para transformar a ordem vigente visando a instaurar uma nova forma de sociedade (ibid). Tais pedagogias - pedagogia socialista, libertária, comunista, libertadora, histórico-crítica – se posicionam a partir dos interesses da classe trabalhadora e operária e serão desenvolvidas nos resultados e discussão deste artigo.

5 TEORIAS PEDAGÓGICAS CONTRA HEGEMÔNICAS: A RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO DIALÓGICA

A partir da metodologia utilizada para realização deste trabalho, além das teorias pedagógicas hegemônicas, as teorias contra hegemônicas também estão presentes nas produções científicas da área, essas teorias orientam o processo de ensino e aprendizagem por meio da relação dialógica, entendida como,

[...] construção do diálogo na relação entre professor e aluno na sala de aula a partir de uma educação problematizadora, que visa à humanização das pessoas, a transformação de relações de opressão em relações democráticas, de diálogo, solidariedade, de amor ao próximo, ao mundo e a vida (PASCHOALIMO, 2009, p. 14).

O trabalho pedagógico apoiado na construção de ações dialógicas “desenvolve uma pedagogia baseada no processo de conscientização crítica da realidade” (ibid). Nesse sentido, as teorias pedagógicas contra hegemônicas permitem em prática a aprendizagem com base em ações dialógicas.

As teorias contra hegemônicas podem ser pontuadas por meio dos diferentes ramos da pedagogia, a saber, (i) Socialista; (ii) Libertária; (iii) Comunista; (iv) Libertadora e (v) histórico-crítica. Porém, nesse momento vamos tratar da pedagogia libertadora e pedagogia histórico-crítica.

A pedagogia libertadora foi idealizada por Paulo Freire junto a movimentos pela educação popular e pela alfabetização de adultos durante o período militar. Segundo Demerval Saviani (2006, np),

Sua inspiração filosófica se encontra no Personalismo cristão e na fenomenologia existencial. Como se trata de correntes que, como o pragmatismo, se inserem na Concepção humanista moderna de filosofia de educação, a pedagogia libertadora mantém vários pontos de contato com a pedagogia renovadora. Também ela valoriza o interesse e iniciativa dos educandos, dando prioridade aos temas e problemas mais próximos das vivências dos educandos sobre os conhecimentos sistematizados. Mas, diferentemente do movimento escolanovista, a pedagogia libertadora põe no centro do trabalho educativo temas e problemas políticos e sociais, entendendo que o papel da educação é, fundamentalmente, abrir caminho para a libertação dos oprimidos (HISTEDBR, 2006, p. np).

Essa teoria pedagógica segundo Machado (2017) se consolidou contestando

[...] os processos políticos institucionais da democracia burguesa no Brasil nacional desenvolvimentista, as mobilizações em favor da educação e cultura popular, expressas por diversas entidades e organizações, e a

reação conservadora que culminou com o golpe empresarial-militar de 1964 (MACHADO, 2017, p. 75).

A teoria pedagógica libertaria tem como horizonte no processo educativo construir relações entre os conhecimentos produzidos historicamente e a realidade dos estudantes a fim de alcançar a transformação da realidade social.

No sentido das teorias contra hegemônicas, temos a pedagogia histórico-crítica desenvolvida por Demerval Saviani. Segundo Teixeira (2008), essa teoria defende a instituição escolar como importante na formação humana em sua transmissão de conhecimento e exercício da prática, pois consiste em “[...] produzir, direta e indiretamente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2008 apud SAVIANI, 2012, p. 35).

Sendo assim, a educação é a mediação entre a prática social e a prática educativa. É pela prática pedagógica que o professor e o aluno poderão estreitar suas relações através de conhecimentos, apropriando-se da realidade humana em que estão inseridos, mesmo com divergências culturais, para compreender e buscarem meios para resolução de problemas sociais. Saviani ressalva “[...] quanto mais adequado for nosso conhecimento da realidade, tanto mais adequados serão os meios de que dispomos para agir sobre ela” (SAVIANI, 1996, p. 49 apud SAVIANI, 2008, p. 24).

Com as exigências do capitalismo, o convívio social já não era o bastante para mediação direta e intencional para reprodução do gênero humano. Consequentemente, “a escola tem o papel de possibilitar o acesso das novas gerações ao mundo do saber sistematizado, do saber metódico e científico” (ibid) por meio dos clássicos, pois “[...] o clássico permanece como referência para as gerações seguintes que se empenham em se apropriar das objetivações humanas produzidas ao longo da história” (SAVIANI, 2008 apud SAVIANI; DUARTE, 2012, p. 31). É a importância dada ao papel da escola que promove a socialização do saber sistematizado que a diferencia das outras teorias. A fundamentação teórica da pedagogia histórico-crítica está relacionada ao processo histórico da existência humana que se encontra na forma atual de sociedade que é dominada pelo capitalismo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o estudo, chegamos à conclusão que a relação entre professor e aluno está presente em todas as teorias pedagógicas apresentadas, porém essa relação é vivenciada por processos diferentes.

Com base na pedagogia tradicional, pedagogia nova, pedagogia tecnológica, podemos destacar que o sistema educacional tende a permanecer na tendência pedagógica tradicional com a prática de reprodução de conhecimento.

Por fim, é importante destacar as perspectivas contra hegemônicas, que procura em sua prática educativa se apoiar em ações dialógicas, almejando a transformação da realidade social. Nesse sentido, considerando a relação professor e aluno, afirmamos que, o professor possibilita ao aluno ampliar seus conhecimentos de mundo.

REFERÊNCIAS

MACHADO, R. Pedagogia libertadora e pedagogia histórico-crítica: um estudo crítico de pedagogias contra-hegemônicas brasileiras. – Lavras MG: UFLA, 2017.

MARTINS, P. L. O. Didática teórica/didática prática. para além do confronto. 7. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2002.

PASCHOALINO, R. Relações dialógicas entre professor e aluno na sala de aula a partir das contribuições de Paulo Freire. São Carlos. 2009. Disponível em: <www.processoseducativos.ufscar.br/tcc1.pdf> Acesso em: 10 de setembro de 2017.

SAVIANI, D. Teorias pedagógicas contra-hegemônicas no Brasil. In: Revista do Centro de Educação e Letras. V. 10 – nº 2 – p. 11-28. Disponível em: < e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4465 > acesso em: 13 de agosto de 2017.

SILVA, M. R. da; RENK E. C. Educação e a afetividade no processo de ensino-aprendizagem. In: www.uniedu.sed.sc.gov.br. Disponível em: www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/.../Marcilene-Rodrigues-da-Silva.pdf acesso em: 13 de agosto de 2017.

SILVA, O. G. da; NAVARRO, E. C. In: A relação professor-aluno no processo ensino – aprendizagem. Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar (2012) n.º8 Vol – 3 p.

95 -100 ISSN 1984-431X. Disponível em: < <http://revista.univar.edu.br> >. Acesso em:
05 de junho de 2017.